

CORPO COMO VESTÍGIO: O IMAGINÁRIO DA IMORTALIDADE TECNOLÓGICA A PARTIR DE ALTERED CARBON¹

BODY AS A TRACE: THE TECHNOLOGICAL IMMORTALITY'S IMAGINARY FROM ALTERED CARBON

Marta Beatriz Conceição Guedes²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo demonstrar como o imaginário da imortalidade tecnológica, reflete de forma hiperbólica o fenômeno do apagamento do corpo na pós-modernidade, bem como a ética do *Zeitgeist*, tendo como objeto a série *Altered Carbon*. Utiliza-se para tanto a metodologia da análise de conteúdo de Bardin (*Análise de conteúdo*, 1988). Inicialmente demonstra-se a relevância do tema no site IMDb. O primeiro capítulo apresenta a série, o segundo capítulo trata do conceito de imortalidade tecnológica e como o corpo é nela tratado, do virtual ao material, e, por fim, o terceiro capítulo apresenta o conceito de ética que subjaz o caminho da tecnofilia contemporânea e um caminho possível para uma nova ética.

Palavras-chave: Imortalidade, Imaginário, Distopia, Transumanismo, Corpo, *Altered Carbon*

Abstract: The following article has, as an objective, to demonstrate how the imaginary of technological immortality reflects in a hyperbolic manner the phenomena of the body's erasure in post-modernity, as well as the ethics of the *Zeitgeist*, having as object the show *Altered Carbon*. It is used, therefore, Bardin's methodology of content analysis (1988). Initially, the relevance of the theme is shown in the website IMDb. The first chapter introduces the series. The second deals with the concept of technological immortality and how the body is treated in it, from virtual to material. And, finally, the third chapter presents the concept of the ethic that underlies the way of contemporary technophilia and a possible way for a new ethic.

Palavras-chave: Immortality, Imaginary, Dystopia, Transhumanism, Body, *Altered Carbon*

1. Introdução

A imortalidade talvez tenha sido o primeiro desejo da humanidade, na verdade é, junto a sua cúmplice, a morte, o evento fundante do imaginário e da consciência humana. Morin (1970)³ aponta que desde o pré-história temos registros na cultura da busca por uma vida sem termo, o que fora representado nos rituais fúnebres e nas sepulturas⁴. O imaginário da imortalidade ancestral, que surge junto à aquisição da consciência, tem

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 8 – Mídias Terciárias, do VIII ComCult, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Marta Beatriz Conceição Guedes: Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário (2022). Pós-graduada em Psicologia Analítica pelo Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa - IJEP (2023). Pós-graduada em Direito Administrativo pela Universidade Gama Filho (2013). Graduada em Direito pela Universidade Federal Fluminense (2008). Bolsista CAPES. Email: guedes.marta@gmail.com

³ O Homem e a Morte de Edgar Morin.

⁴ Edgar Morin explica minuciosamente no seu livro *O homem e a morte* o significado da sepultura, da posição do corpo do morto e das oferendas ao seu redor, bem como as evidências desde o paleolítico dos rituais.

como cerne a dificuldade humana de lidar com a angústia provocada pela morte, e a partir disso irrompe a imagem da figura do duplo, um ser que tal qual o falecido, permanece existente, como um ser diferente, mas, ao mesmo tempo, uma extensão do morto.

Até a contemporaneidade as narrativas sobre a imortalidade possuíram um caráter de transcendência, em que o homem aceitava a “imortalidade por procuração”, na expressão de Jean-Michel Besnier⁵. Contudo, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a imortalidade está saindo do campo da fantasia para, nas previsões otimistas dos entusiastas transumanistas⁶, como Ray Kurzweil⁷, vir para o campo da perspectiva, o que é refletido de forma crescente nas produções midiáticas, em especial nas obras cinematográficas do gênero de ficção científica, do subgênero cyberpunk⁸.

Em pesquisa no site IMDb⁹ foi possível identificar que no período de 1983 a 2022 foram produzidos 698 títulos identificados pela palavra-chave “imortalidade”, e desses, 226 títulos são do gênero de ficção científica (Tabela 1).

Tabela 1 – Palavra-chave “Imortalidade” no Gênero Ficção Científica

Período	Imortalidade	Ficção Científica	Percentual de Imortalidade/Ficção Científica
1983 - 2002	214	74	35%
2003 - 2022	484	152	31%
Total	698	226	32%

Fonte: site IMDb (<https://www.imdb.com/>), consultado em 31/01/2023.

⁵ On a Deadly Desire for Immortality. Concerning Transhumanism. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cites-2013-3-page-13.htm>. Acessado em 25/03/2023.

⁶ Estulin (2019, p. 192) define o transumanismo como “um sonho de ultra-alta tecnologia acalentado por cientistas da computação, filósofos, neurocientistas e muitos outros. O conceito baseia-se em avanços tecnológicos radicais para fortalecer o corpo humano, a mente, e em última análise toda a experiência humana.”

⁷ Ray Kurzweil é futurista, ex engenheiro da Google e autor do livro “The Singularity is Near”. Em reportagem recente foi veiculado a previsão de Ray de que a imortalidade deverá ser alcançada em 2030. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/a-imortalidade-e-alcancavel-ate-2030-diz-cientista-do-google/>. Acessado em 02/04/2023.

⁸ Segundo (ARANHA, 2019), utilizando da classificação de Tzvetan Todorov, o gênero ficção científica é um dos ramos da literatura fantástica, ao lado dos ramos de fantasia e terror, surgido a partir da Segunda Guerra Mundial, com a “sensação de dúvida quanto ao futuro e o ceticismo em relação à ideia de progresso científico, estabelecido no pós-guerra, (que) coabitavam o imaginário das populações ao lado de discursos progressistas” e o subgênero cyberpunk tem como viés uma crítica alegórico-projetiva em que se discute a convergência do desenvolvimento de alta-tecnologia e caos urbano, trazendo em sua estética o apagamento do humano e de seu corpo em prol da ênfase na tecnologia e no urbano.

⁹ O IMDb (Internet Movie Database) é um dos maiores e mais populares bancos de dados online sobre filmes, programas de TV, artistas, produtores, diretores e outros profissionais da indústria do entretenimento, fundado em 1990. A classificação de gênero de uma produção é feita pela equipe editorial do IMDb, com base em informações fornecidas pelos próprios produtores e distribuidores do filme, além de outras fontes. Cumpre destacar que a palavra-chave no site é alimentada por diversas fontes, que vão desde os seus próprios produtores até os usuários do site.

Apesar da pesquisa no site não ser o objeto principal do presente artigo, ela serviu para corroborar a relevância do imaginário da imortalidade no gênero de ficção científica. É possível observar aumento do número de produções sobre o tema no gênero ficção científica, representando 32% do total, e que mais que dobraram o número de produções sobre imortalidade em ficção científica do período de 1983-2002 a 2003-2022 (de 74 produções passaram para 152).

O que há de comum entre as obras ficcionais e os investimentos na imortalidade técnica é que o grande objeto é o corpo. Corpo esse que, a despeito de uma possível conservação, é separado da mente e vira mero adorno do que “realmente importa”: a consciência racional. Sentimentos, emoções, sensações são esquecidas ou relegadas a um segundo nível em prol do ideal maquínico performático, o que faz parte do ideal transumano de futuro.

Nesse sentido, a trajetória do corpo na perspectiva transumana é do ser humano aumentado até o homem virtual¹⁰, pautada na performance e na total separação entre corpo e mente (no sentido de consciência), com primazia desta, mas com um corpo pensado de forma paradoxal, que ao mesmo tempo que descartável, é editável, o que de certa forma reflete o ideal do capitalismo neoliberal de um ser humano informacional.

É possível observar que o ideal de progresso transumano é resolver, solucionar o problema que é o humano, eliminando tudo aquilo que é incômodo, angustiante, e levando a humanidade, de certa forma, para o paraíso idílico do estado pré-consciente ou urobórico¹¹. Para Baudrillard (2002) haveria uma nostalgia biológica de um estado anterior à individuação, o fantasma do Um como princípio, o que seria nada mais do que o estado de inconsciência, onde não há divisão, não há conflito.

Ao que parece, a ciência e a tecnologia foram alçadas ao patamar divino, visto que para elas “nada é impossível”, sendo apenas uma “questão de tempo” e “investimentos”, solucionando (Ferry, 2018, p.30) todas as querelas humanas, condicionadas apenas ao quanto se pode pagar pelo milagre que se quer adquirir.

A partir de tais constatações e da observação do aumento das produções mediática sobre o tema¹², fomos instigados a investigar o que subjaz ao anseio humano de tornar-se imortal pela ciência e pela técnica. Para tanto, foi escolhido como objeto a série *Altered*

¹⁰ Sobre o projeto de melhoramento humano vale conferir o site <http://2045.com/>.

¹¹ Segundo o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier, urobóro pode ser entendido como “(...) o perpétuo retorno, o ciclo indefinido de renascimentos, a repetição contínua, que trai a predominância de um fundamental impulso de morte.” (CHEVALIER, 2020, p. 1007)

¹² Vale aqui citar *Vanilla Sky*, *O Preço do Amanhã*, *Ad Vitam*, *Blade Runner*, dentre outros.

Carbon, veiculada no streaming Netflix a fim de discutirmos a irrupção do fenômeno do imaginário da imortalidade tecnológica.

A escolha da série como corpus da pesquisa justifica-se pelo atual aumento dos investimentos na tecnociência de longevidade¹³ e imortalidade¹⁴, o que é exibido na ficção de *Altered Carbon*, onde o corpo humano se manifesta com todas as modificações hoje almeçadas pelo transumanismo.

Em *Altered Carbon*, a ambição do “querer é poder”, e “poder é ter” é exibida de forma pungente, pois a imortalidade é mais um produto para o consumo, que apesar de ser um direito do nascituro, a qualidade de sua manutenção depende do poder aquisitivo individual, o que levanta sérios questionamentos morais e éticos, conceitos que serão entendidos de forma inseparável, na forma do que dispõe Morin:

Busca-se, com frequência, distinguir ética e moral. Usemos “ética” para designar um ponto de vista supra ou meta-individual; “moral” para situar-nos no nível da decisão e da ação dos indivíduos. Mas a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética. Esta se resseca e esvazia sem as morais individuais. Os dois termos são inseparáveis e, às vezes, recobrem-se; em tais casos, usaremos indiferentemente um ou outro. (MORIN, 2007, p. 15)

No ideal transumano, a ética é separada do saber (Morin, 2007), a ciência proporciona o ideal de Bem, imanente, como total universal, sob a inexorável totalização do mundo sob o signo da técnica, e expurga o não técnico, não científico, entendidos como o Mal do mundo e do humano, neste último caso, como tudo o que nos liga ao corpo (Baudrillard, 2002). Contudo, ao excluírem o Mal do mundo, este se fez presente como excesso, como desregramento, pois é o Mal que equilibra o Bem, e um Bem excessivo perde suas características éticas, ficando a cargo do Mal a transcendência.

Pois é o Mal que impele o Bem (a acumulação de forças positivas) para o excesso e para o desregramento, e é a proliferação do Bem que libera o pior. Através de todas as nossas técnicas de realização incondicional do Bem se perfila o Mal absoluto. (...) Jung acrescenta: “Um Bem ao qual se sucumbe perde toda característica ética” (maravilhosa fórmula: desde então não é mais ao Mal, mas ao Bem que sucumbimos). E o que é o Bem sem caráter ético, senão um aspecto da legislação do Mal? Surge, com o rádio, o telefone, excelentes hospitais, banhos quentes, tolerância religiosa, leis moderadas, ausência de guerras (para as camadas mais poderosas do planeta), uma inundação de Bem amoral, produzido sem interrupção pela entidade do Mal, pelas trevas ocupando o poder (Baudrillard, 2002, p.96-97)

¹³ Em reportagem de 2021, Jeff Bezos aparece como investidor em uma empresa de pesquisa de imortalidade, mais precisamente a ciência da longevidade. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/jeff-bezos-investe-pesquisa-imortalidade/>. Acesso: 19/11/2022.

¹⁴ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/02/01/milionario-gasta-r-54-milhoes-com-criogenia-para-viver-ate-os-180-anos.htm>

A partir da constatação do corpo vestigial no imaginário futurista de *Altered Carbon*, da exclusão do Mal, centrado no corpo, em prol de um Bem amoral, centrado na técnica, traremos com Neumann a proposta de adoção de uma nova ética, integrativa e não unilateralizada, que “repousa sobre a conscientização das forças positivas e negativas da estrutura humana” (Neumann, 2021, p.82).

Para análise, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1988) associado ao método da complexidade de Edgar Morin, que defende que a desordem, a incerteza, características antropossociais que devem ser enfrentadas e não ignoradas pela ciência.

2. A série

Altered Carbon ou Carbono Alterado é uma série ficcional, com duas temporadas e 18 capítulos¹⁵, produzida pela Netflix entre os anos de 2018 e 2020, baseada no romance literário homônimo escrito por Richard K. Morgan¹⁶, que se caracteriza por ser do gênero de ficção científica cyberpunk. A história se passa 300 anos no futuro, em uma realidade na qual a humanidade foi bem-sucedida na exploração espacial, tendo se espalhado e colonizado o universo, ocupando diferentes planetas, tudo sob a tutela das Organização das Nações Unidas (ONU), chamada de Protetorado.

O grande avanço tecnológico proporcionou que a maior parte da vida humana fosse digitalizada. Principalmente a partir da criação da chamada pilha ou cartucho cortical, o qual é implantado na base do crânio da criança até um ano de vida. Com esse aparato tecnológico o ser humano foi reduzido apenas à informação, e o cartucho torna-se o centro da consciência, contendo todas as memórias pessoais, além de ser o suporte para o upload de consciências¹⁷.

Essa forma de armazenamento da “vida”, em que corpo e mente/alma estão técnico-cientificamente dissociados, concebeu a ideia de que a pena criminal não é infligida mais ao corpo, mas sim à mente. Com tal separação e com a ausência de vinculação entre o corpo e aquilo que o anima, o cumprimento da pena ocorre com a retirada do cartucho do criminoso e a disponibilização do seu corpo para ser utilizado por

¹⁵ A primeira temporada possui 10 episódios e a segunda temporada possui 8 episódios.

¹⁶ O romance foi escrito em 2002.

¹⁷ Isso permite que haja mais de um chip com o backup de memória/consciência, o que é viável apenas para os mais ricos, pois é um procedimento de alto custo.

outra pessoa na Central de Downloads¹⁸. O corpo na série não é mais concebido como parte da identidade de um indivíduo, tanto que pode ser remanufaturado, sendo chamado de “capa”.

Na distopia retratada em *Altered Carbon*, “a mente humana, em sua forma mais pura, é codificada e armazenada como FHD – Frete Humano Digital”¹⁹; o que possibilita o reencapamento *ad eternum*, desde que o cartucho cortical não seja danificado²⁰.

A experiência da imortalidade é oferecida de duas formas na série, que classificamos como imortalidade virtual²¹ e imortalidade material, as quais foram subcategorizadas em quatro, de acordo com seus efeitos sobre o corpo, o que será demonstrado em momento oportuno.

3. Imortalidade Tecnológica e o Corpo como Vestígio Imortalidade Tecnológica

Antes de adentrarmos no imaginário da imortalidade tecnológica, cumpre trazer a ideia mitológica de Edgar Morin. O autor (1970, p. 103), discorrendo sobre os mitos que tratam da ideia de imortalidade aponta que refletem duas grandes crenças: a crença na morte-renascimento e a morte-sobrevivência do duplo. A crença na morte-renascimento tem como fundamento a transmigração, em que “o morto humano, imediatamente a seguir ou mais tarde, renasce num novo vivo, criança ou animal” (Morin, 1970, p.103), que pode se observar através da posição fetal em que em que o esqueleto era posto na sepultura. A crença na morte-sobrevivência do duplo tem como configuração a sobrevivência individual do morto, o que se tornará a força de “ressurreição do indivíduo, para que em si próprio, enfim, a eternidade o transforme”. (Morin, 1970, p.103). Há que se ressaltar que nos mitos da imortalidade há subjacente um ganho de consciência, pois o renascido retorna transformado.

Ao que parece o imaginário da distopia apresentada na série *Altered Carbon* mescla os dois tipos de morte-renascimento elencados por Morin, pois o indivíduo, no caso, o duplo, pode renascer em um novo vivo, contudo com o viés tecnológico.

Nela temos a exibição da aquisição da imortalidade pelo capital, uma imortalidade técnica de um corpo dispensável, não havendo nenhum tipo de ampliação de consciência. *Altered Carbon* traz o imaginário transumanista de imortalidade técnica pautado na

¹⁸ A Central de Downloads seria um centro de recepção de corpos orgânicos disponibilizados para reencapamento. Os corpos são preservados através da criônica.

¹⁹ Temporada 1, Episódio 1, 11min50seg.

²⁰ Temporada 1, Episódio 1, 12min10seg.

²¹ Esse tipo de imortalidade é retratado na Série “UpLoad”, disponível na AmazonPrime Vídeo.

tecnologia, precipuamente na revolução biotecnológica, através da convergência da NBICS – nanotecnologia, biologia, tecnologia da informação e ciência cognitiva – a qual almeja alcançar o pós-humano, que é “alguém que sofreu alterações, como o aumento do rendimento do corpo e do cérebro, a tal ponto que não possa autodenominar-se humano. Ele se transforma em algo totalmente novo.” (Estulin, 2019, p.192)

Ao ser humano 2.0 não cabe a falha, a pane, o erro, não há espaço para algo tão trivial quanto a morte. Em *Altered Carbon*, a imortalidade advém do desejo de melhoramento do humano para expansão no universo, e para tanto “a demanda de viver mais tempo é insaciável.” (Alexandre, et al., 2022, p.83)

Atendendo ao ideal performático e de uma expansão biológica e espacial, classificamos a imortalidade em duas categorias: a imortalidade virtual e a imortalidade material, com suas subcategorias correlatas.

Tabela 2 – Categorias de Imortalidade e Subcategorias de Corpo

Categoria	Subcategoria
Imortalidade Virtual	Corpo Virtual
Imortalidade Material	Corpo Sintético Corpo Orgânico Corpo Orgânico - Clonagem

Na série, a categoria de imortalidade virtual refere-se ao mind upload, ou upload de consciência, em que a mente humana é armazenada no cartucho de FHD e passa a “viver” em um ambiente chamado de constructo²² (semelhante ao Metaverso de Mark Zuckerberg que temos hoje)²³. Nesse ambiente não corporificado, a pessoa se entende como indivíduo através do avatar que lhe é disponibilizado, que pode ser ou não o mesmo que o seu corpo de nascença.

A imortalidade material se dá a partir do reencapamento (colocar a pilha cortical em corpos), que pode ocorrer em capas sintéticas ou orgânicas. Encontramos aqui as outras três subcategorias: corpo sintético; corpo orgânico; clonagem. Os corpos/capas sintéticas são criadas por computador e são as mais baratas, simulando corpos reais ou corpos melhorados, aumentados ou hibridados com outros seres. Por serem mais baratas, são mais populares e acessíveis, porém tem como efeito colateral uma experiência de realidade aquém da proporcionada pela capa orgânica. Sendo assim, as capas orgânicas,

²² Constructo é o nome dado ao ambiente de realidade virtual onde a consciência armazenada em um cartucho ou pilha cortical podem ficar até serem reencapados.

²³ Há o projeto da empresa Neuralink (<https://neuralink.com/>), de Elon Musk, que pretende hibridar o ser humano com uma máquina e realizar o upload de consciência.

preferidas às sintéticas são corpos biológicos de outras pessoas que podem ser destinados a pessoas distintas das do nascimento. Por fim, o corpo clonado é uma capa/corpo orgânico que é criada uma cópia para apenas a transferência do cartucho contendo a consciência.

A partir de agora analisaremos as categorias de corpo apresentadas na série e supramencionadas.

Imortalidade Virtual

Corpo Virtual

O corpo virtual seria o corpo avatar, o corpo descorporificado. Seria a purificação total do humano, extirpando de si o Mal contido na carne, permanecendo apenas o espírito, centelha divina.

A virtualização da matéria corporal para informação é consequência do processo iniciado com a ideia cartesiana de dissociação do homem de seu corpo, despojado de calor próprio. Nesse sentido, o ideal cartesiano, enunciando a filosofia mecanicista, afirma que “o modelo do corpo é uma máquina, o corpo humano é uma máquina discernível das outras apenas pela singularidade de suas engrenagens. Não passa, no máximo, de um capítulo particular da mecânica geral do mundo”. (Le Breton, 2013, p. 18)

Sob esse prisma, o corpo virtual apresentado na produção é a denegação máxima da realidade concreta. A realidade virtual apresentada na série através do constructo, que possibilita que o espírito “viva” decreta o fim do real, pois invertemos a lógica que nos constituiu, uma vez que o pensamento anteriormente visava acabar com o real e hoje as tecnologias dão fim ao pensamento na realidade.

Enquanto o pensamento trabalha no inacabamento da realidade, o Virtual, por sua vez, trabalha no acabamento do real e em sua solução final. A denegação da realidade, que era na dimensão filosófica uma operação mental, torna-se, com as tecnologias do virtual, uma operação cirúrgica. (BAUDRILLARD, 2002, p. 47)

O imaginário que admite que a vida pode ser comparada a uma construção imagética tecnológica, sem qualquer relação proprioceptiva, além de fazer um borramento entre virtual e o real, os inverte de posição, o virtual é o real. O real, como conhecemos, passa a ser uma mera lembrança, pelo que

na ótica do virtual, o real não passa de vestígio. Não passa de um cadáver de referência. (...) Ora, o Real não morreu de morte natural, simplesmente desapareceu, e dele só restam vestígios. (...)

contamo-nos hoje a história do Real, como contamo-nos no passado a história dos mitos e do pecado original. (Baudrillard, 2002, p.48)

Embora seja possível pensar que a imortalidade virtual esteja distante da nossa realidade concreta, ela se mostra presente através do distanciamento comunicacional via virtualização das interações. A comunicação hoje é feita precipuamente pela mídia terciária, virtualizando o corpo, que para Contrera (2002, p. 54) “foi uma forma simbólica encontrada por nosso tempo para apaziguar o medo da morte. Só que, ao abrir mão da morte, abrimos mão também da vida, já que elas são indissociáveis.”

Imortalidade Material

Corpo Sintético, Corpo Orgânico, Clonagem

Na série são apresentados três tipos de corpos materiais: o sintético, o orgânico e o clonado. O corpo sintético é aquele criado em laboratório, talvez a semelhança de bonecos, mas com certo arcabouço biológico. Esta forma de representação é rechaçada em várias passagens na produção, pois não dá as mesmas sensações que um corpo orgânico, demonstrando que a imperfeição também faz parte da tecnociência.

Há, contudo, que se ressaltar que tal corpo, fora o virtual, é o mais barato para ser adquirido, pois não dá aquilo que é gratuito pela natureza, mas por tempo, determinado, as percepções autênticas dos sentidos.

A segunda categoria de corpo material apresentada é o corpo orgânico. Foi classificado desta forma pois trata-se do corpo que foi um dia de uma pessoa, mas que ela o perdeu em virtude de cumprimento de pena decorrente do cometimento de um crime. Na série, as pessoas que cumprem pena criminal têm seus corpos apreendidos pelo Protetorado e disponibilizados para quem deles necessitar. No caso, aqui não se perde o sensório, mas sim a identidade, sendo a maior penalidade a perda do corpo. Destaca-se que no reencapamento, que é a colocação do cartucho em corpo/capa diferente do original, não há preocupação em encontrar pessoas com as mesmas características, podendo uma criança que foi acidentalmente morta ser reencapada no corpo de uma pessoa idosa, ou uma mulher ser reencapada no corpo de um homem.

Por fim, a terceira categoria de corpo é o corpo clone, o mais desejado. Feito pela tecnociência em cópia à mãe natureza, representando a imagem moderna do imaginário do duplo, o clone possibilita que aqueles que tem dinheiro o suficiente para adquiri-lo e mantê-lo, viver eternamente com a sua própria imagem biológica, com a idade escolhida, como se reformasse sua aparência eternamente. Lembra, de certa forma, o barco de Teseu,

mas no caso o corpo velho é substituído por um corpo novo, contudo será que é possível permanecer humano sabendo-se sem fim?

Em *Altered Carbon* é possível sim ter corpo, mas não um corpo que lhe pertença, um corpo identitário da existência (a exceção do corpo clonado). Não há uma individualidade material, apenas a consciência seria identitária²⁴, armazenada em um cartucho de FHD.

Na distopia, o corpo é visto como um local de domínio para o biólogo ou engenheiro, que o encaram como um objeto de pesquisa, não sendo visto como o Outro, mas como Coisa, tratando-o como um rascunho a fim de levá-lo à perfeição última, obtido apenas pela correção da ciência.

Sobre isso, Le Breton aduz que todas as manipulações decorrem do medo da morte, para o que a solução é a aquisição da imortalidade. Com toda a intensidade a tecnofilia transumanista se manifesta. Melhorar o que nos foi dado sem nada poder ser dado em troca, que é a vida, nada mais é do que a tentativa de aplacar a mesma angústia que nos levou ao ganho da consciência: o fim. Conforme o autor explicita, “a luta contra o corpo revela sempre mais o móvel que a sustenta: o medo da morte. Corrigir o corpo, torná-lo uma mecânica, associá-lo à ideia da máquina ou acoplá-lo a ela é tentar escapar desse prazo, apagar “a insustentável leveza do ser” (Kundera)”. (Le Breton, 2013, p.17)

Corpo como Vestígio

Remonta à Grécia Antiga, hoje ainda tradição vigente no mundo ocidental, a ideia de que o corpo humano é o túmulo da alma, imperfeição de uma humanidade que não faz mais parte do Céu, mas está na Terra. Nessa visão de mundo, "a alma caiu dentro do corpo que a aprisiona". (Le Breton, 2013, p. 13)

Tal pensamento continuou a ser reproduzido no mundo Ocidental através de diversas doutrinas gnósticas que comungam a aversão ao corpo e à natureza. “O mundo sensível não é obra de um Deus de sabedoria e verdade, mas uma criação defeituosa, um simulacro” (Le Breton, 2013, p. 14), e o homem, crucificado entre o mundo de Deus, do Bem, e o mundo sensível, do Mal, salva-se por ser portador de uma centelha divina, seu espírito.

²⁴ Lembrando que para a formação da consciência é necessário o corpo, sob pena de psicotização. Acerca do processo de desenvolvimento da consciência indicamos os livros de *Anatomia da Psique e História da Origem da Consciência*, de Edward F. Edinger e Erich Neumann, respectivamente, além de *Mito e Corpo*, de Mircea Eliade.

Para a gnose, no mundo do Bem não há decrepitude, envelhecimento, doença ou morte. Já o mundo do Mal é impermanente, perecível; o mundo do Mal é o biológico. Von Franz (2003, p.112), falando sobre os conhecimentos gnósticos, afirma que o tempo é o grande determinante do que é o ser humano como conhecemos hoje. O homem antes do tempo, o Adão, é o homem feliz, mas inconsciente. Enquanto o homem após o tempo é o homem consciente. Ao que parece, o que a série explicita do transumanismo é uma cosmovisão que pugna por um retorno à inconsciência.

Baudrillard (2002), refletindo sobre o desejo de imortalidade técnica e em consonância com Von Franz (2003) , amplia e lança uma questão:

Não é preciso ver nessa fantasia coletiva do retorno a uma existência indivisa, ao destino do ser vivo indiferenciado, nessa deriva em direção a uma imortalidade indiferente, a própria forma de arrependimento do ser vivo em relação ao não vivo – arrependimento vindo do fundo dos tempos para um estado terminado, mas tornado de novo, graças às potências de nossas técnicas, uma forma de compulsão silenciosa? (BAUDRILLARD, 2002, p. 38)

Na série, a imortalidade é expressão da cosmovisão transumanista, pela qual se crê que com a tecnologia poder-se-ia alcançar uma felicidade eterna, em um universo infinito, sendo o planeta Terra e os corpos humanos apenas estágios intermediários no alcance do paraíso, paraíso buscado a qualquer preço, pautada em uma velha ética, na expressão de Neumann (2021), onde os fins justificariam os meios.

Altered Carbon explicita como o corpo é visto na contemporaneidade, mero suporte, matéria indiferente. O corpo não é mais raiz identitária e nem é personalíssimo, semelhante ao que ocorre na atualidade com os tratamentos estéticos para padronização corpórea (no Brasil tivemos uma explosão de procedimentos de harmonização facial no ano de 2021²⁵).

Com o corpo coisificado, equiparado à tecnologia a partir do paradigma informacional, o homem torna-se objeto de melhoria, de aprimoramento, da busca de sua melhor versão. A carne não é mais do que uma cristalização de informação passível de ser reproduzível ou acessível a transformações. Qualquer forma, viva ou não, é percebida como um agregado de informações, decifrado ou em processo de vir a ser (Le Breton, 2017). O vir a ser, o duplo sem cláusula de consciência, é o objetivo, em detrimento do que se é, imperfeito. O corpo, sem seu caráter simbólico, perde todo o seu valor.

²⁵ Fonte: <https://noticias.r7.com/economia/com-febre-da-harmonizacao-facial-mercado-de-estetica-deve-crescer-12-19062022>. Acessado em 25/04/2023.

Assim, para a realidade da imortalidade tecnológica o corpo não cabe. Ele é a última fronteira a ser rompida a fim de se alcançar a perfeição da técnica, livrando-se dos resquícios da natureza. A imortalidade tecnológica é um resultado direto do apagamento do corpo e da vitória da técnica sobre a natureza, ideias baseadas em uma velha ética.

4. A “velha ética”

Neumann, em seu livro *Psicologia Profunda e Nova Ética*, traz a ideia de que a “velha ética” é o tecido social sob o qual a sociedade ocidental se constituiu, compreendendo os mais diversos ideais do homem, estando alicerçada em valores absolutos, obrigatórios e perfeitos. Sobre o ideal de perfeição, ele afirma:

O ideal de perfeição pode e deve se realizar pela diluição dos traços que contradizem essa perfeição. “A negação do negativo”, sua exclusão vitoriosa e sistemática, é o traço fundamental dessa ética. Por mais variáveis que possam ser os seus paradigmas, a formação é apenas possível por meio de uma tendência consciente à unilateralidade, pela absolutização do valor ético, que sempre exclui os grupos de propriedades que contradizem esse valor. (Neumann, 2021, p. 17-18)

Essa compreensão ética do mundo é a formativa do pensamento transumanista e pós-humanista, que pensa a evolução do homem unilateralmente, baseada exclusivamente nos avanços tecnológicos.

Na ideia tecnófila da formatação do destino do homem, de seu corpo, e da exclusão da morte, observamos a manifestação psíquica de dois princípios fundamentais elencados por Neumann como formativos do pensamento ocidental da velha ética: a supressão e a repressão.

Com a “negação do negativo”, ou *supressão*, que seria para Morin, a exclusão do erro²⁶, o homem fiel à lei negaria todas as tendências que a contradizem, não sendo admitido nada que conteste essa cosmovisão. No transumanismo, seriam excluídos todos aqueles que não aderissem ao novo modelo de humano 2.0, o humano o performático, o humano o melhorado. De certa forma, a escolha é abolida em prol de uma atuação pessoal direcionada à sobrevivência/eficiência nesse “novo mundo”, alicerçada em uma “velha ética”.

De outro modo, há ainda a *repressão*, que não é feita pelo indivíduo que tenta se encaixar por entender que este é *o caminho*, mas sim pelo coletivo. Aqui o indivíduo nem

²⁶ Morin fala da importância do erro na formação da consciência humana no livro *O Enigma do Homem*.

ao menos sabe das forças invisíveis que o tomam, funcionando de forma independente da consciência²⁷, agindo como um automato.

Tais princípios são importantes para entender o transumanismo, pois a compreensão de que a velha ética se vale apenas da consciência justifica as técnicas de hibridação do homem com a máquina, ao chegar no imaginário distópico de armazenamento do que é o humano em um computador, ou em um cartucho, como demonstrado na série *Altered Carbon*. Esta visão de mundo, nas palavras de Neumann, “está em contraste com a “voz” como expressão individual do psíquico”. (Neumann, 2021, p. 19), bem como exclui os conteúdos do inconsciente.

Nessa atuação repressiva e regressiva, o não visto (o que está fora da consciência) é o Mal, contudo, como salienta Baudrillard, o Mal é o que impele o Bem, mas para que ele tenha o seu efeito ele precisa ser reconhecido como tal.

Na velha ética, a seleção natural é substituída pela seleção artificial, que possui consequências nefastas, ao que para Baudrillard representa uma dupla contradição, pois (...)
único entre todas as espécies, o homem visa a construir seu duplo imortal, concluindo assim a seleção natural por meio de uma seleção artificial, que lhe confere um privilégio absoluto. Mas, por esse mesmo meio, põe fim à seleção natural, que supunha a morte de cada espécie segundo a lei da evolução — aí incluída a sua própria. Infringe assim a regra simbólica, e no seu orgulho de pôr fim à evolução inaugura a involução de sua própria espécie, que está em vias de perder sua especificidade, sua imunidade natural. Ora, a mortalidade das espécies artificiais é ainda mais rápida do que a das espécies naturais. Apesar de ser pelo caminho do artificial, a espécie corre talvez ainda mais rápido em direção ao seu fim. (Baudrillard, 2002, p.40)

Para que não estejamos fadados a cavar a nossa própria cova, faz-se necessário uma nova visão de mundo, uma nova ética.

5. Por uma nova ética

Jung, em sua obra *Civilização em Transição*, entende que para a evolução da sociedade é necessário um trabalho individual de aquisição de consciência.

Assim, para uma nova ética, faz-se necessária a renúncia à unilateralidade do Bem, do caminho unívoco adotado pela tecnologia e pelo transumanismo, em prol da assunção individual da existência do Mal, do doente, do erro, do falho, bem como da complexidade²⁸ da realidade e da inevitabilidade da incerteza que é o viver.

²⁷ Consciência entendida como instância moral psíquica que acolhe os valores para o indivíduo. (NEUMANN, , 2021, p. 20)

²⁸ Para entendimento de complexidade, interessante a obra de Edgar Morin denominada *O método*.

A assunção decorre do fato de que o Mal, o erro, o falho, não surgiu como um dado do coletivo (Neumann, 2021, p. 67), mas é algo do indivíduo, em especial ocidental, inflado após a evolução da Europa a partir do Renascimento. Podemos pensar que tal postura seja ineficaz ou insensata, mas Neumann ressalta que

(...) a redução da posição do ego não é nada individualmente casual ou arbitrário. É a manifestação individual de uma situação coletiva contemporânea. O homem ocidental encontra-se (...) em estado de redução coletiva de seu próprio valor, que urge tomar como fato e reelaborar. Não se pode mais anular a irrupção do lado escuro na consciência ocidental. (Neumann, 2021, p.69)

O transumanismo e o pós-humanismo, como produtos do ocidente contemporâneo e da velha ética, entendem o humano como um ser determinado biológica, histórica, sociologicamente, dependente de dados políticos e econômicos, estando penetrado pela dubiedade de sua posição ideológica e espiritual.

Assim, a proposta para uma nova ética é a assunção do homem de sua sombra, do seu lado negativo, abrindo mão do determinismo tecnófilo ou da chamada “boa intenção” da ciência. Neumann salienta dois rumos para a nova ética: uma ética que englobe individualmente e coletivamente os efeitos do pensamento do indivíduo; uma ética complexa, não mais parcial da consciência, levando em consideração as atitudes do consciente sobre o inconsciente, inexistente na ética vigente, pugnando por uma personalidade total, não sendo apenas o ego o centro da consciência.

Sendo assim, é necessária uma revisão do princípio de realidade e do princípio de conhecimento. É necessária uma dialética do sujeito e do objeto, da qual o sujeito é mestre, já que é ele que a inventa.

Por fim, nas palavras de Neumann (2021, p.82) “a nova ética repousa sobre a conscientização das forças positivas e negativas da estrutura humana sobre a sua inserção consciente na vida do indivíduo e da comunidade. A sombra, que é mister assumir, é o forasteiro da vida.”

Considerações Finais

O imaginário da imortalidade tecnológica representado na série *Altered Carbon* reflete a coisificação do corpo até o seu apagamento, de sorte que ele passa a ser nada além de um produto a ser consumido. A magia e a transcendência que fundaram a imortalidade simbólica reduzidas a simulacros de morte tal como simulacros de vida.

Há uma redução epistemológica com o novo discurso desenvolvimentista da ciência, mas no imaginário de muitos cientistas, o indivíduo é englobado e dissolvido. Para os transumanos, o ser humano existe apenas como vestígio. O humano concreto é

eliminado, pois dispensável. Ao romper com as ontologias clássicas e, com isso, destruir as distinções de valor entre o homem e seus instrumentos, leva a uma mudança moral. A resolução do vivo e do inerte sob a égide da informação abre caminho à indiferenciação.

Apontamos também que o ideal transumano se fundou sob uma velha ética, afetada pelo ideal Iluminista racionalista, sob o primado do Bem, entendido como a lei e a norma vigente, com um caráter unilateral, excluindo o Mal, alojado no corpo, já que incerto, doente, falho e caótico.

Assim, utilizando a distopia como base para uma reflexão sobre o futuro da humanidade, para que caminhemos para uma nova ética faz-se necessária a reinclusão do Mal, do defeito, da complexidade, e por fim, do corpo. Não há uma nova ética que exclua aquilo que somos, bem e mal, luz e sombra.

Referências:

ALEXANDRE, L., & BESNIER, J.-M. (2022). *Os robôs fazem amor?: o transumanismo em 12 questões*. São Paulo: Perspectiva.

ARANHA, G. (2019). O MOVIMENTO LITERÁRIO CYBERPUNK: A ESTÉTICA DE UMA SOCIEDADE EM DECLÍNIO. *Via Atlântica*, 251-271.

BAITELLO JUNIOR, N. (2005). *A era da iconofagia. Ensaio de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hecker Editores.

BARDIN, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BAUDRILLARD, J. (2002). *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BAUMAN, Z. (09 de 04 de 2011). *Instituto Humanitas UNISINOS*. Acesso em 02 de 05 de 2023, disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/42263-extimidade-o-fim-da-intimidade>

BESNIER, J.-M. (2013/3 (nº 55), p. 13-23.). D'un désir mortifère d'immortalité. À propos du transhumanisme. *Cités*.

Bíblia.com.br. (s.d.). Acesso em 10 de 01 de 2023, disponível em <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/quem-foi-matusalem/>

Cambridge, D. (s.d.). *Cambridge Dictionary*. Acesso em 17 de janeiro de 2023, disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles>

CAMPBELL, J. (1991). *O poder do mito*. Palas Athena.

CHEVALIER, J. (2020). *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio.

CONTRERA, M. (2002). *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. Annablume.

CONTRERA, M. (março de 2004). OS MONSTROS DA/NA MÍDIA. *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. CISC*.

- CONTRERA, M. S. (2017). *Mediosfera: Meios imaginários e desencantamento do mundo*. Porto Alegre.
- Elon Musk: bilionário divulga avanços em seu plano para conectar nossos cérebros a computadores. (2020).
- ESTULIN, D. (2019). *TransEvolução: A era da iminente desconstrução da humanidade*. Campinas, SP: Vide Editorial.
- FERRY, L. (2018). *A Revolução Transumanista*. Barueri, SP: Manole.
- FRANZ, M.-L. (2003). *Mitos da Criação*. São Paulo: Paulus.
- HAMDAN, S. I. (2011). Human Subjectivity and Technology in Richard Morgan's Altered Carbon. *3L: The Southeast Asian Journal of English Language Studies, Vol 17(Special Issue): 121 - 132*.
- JUNG, C. G. (2000). *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2013). *Civilização em transição*. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2013). *Psicologia e religião oriental*. Petrópolis: Vozes.
- JUNG, C. G. (2016). *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes.
- LE BRETON, D. (out de 2009). Le transhumanisme ou le monde sans corps. *Relations*, pp. <https://cjf.qc.ca/revue-relations/publication/article/le-transhumanisme-ou-le-monde-sans-corps/>.
- LE BRETON, D. (2013). *Adeus ao corpo:- Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papirus.
- LE BRETON, D. (2017/2). Le transhumanisme ou l'adieu au corps. *Écologie & politique*(URL : <https://www.cairn.info/revue-ecologie-et-politique-2017-2-page-81.htm>).
- MORIN, E. (1973). *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- MORIN, E. (2007). *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulinas.
- MOURA, L. Z. (2021). Homem Imago - Imagem como sobrevivência e segundo corpo. (Tese de Doutorado - UEC (Universidade Estadual de Campinas)).
- NEUMANN, E. (2008). *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Pensamento - Cultrix.
- NEUMANN, E. (2021). *Psicologia Profunda e Nova Ética*. São Paulo: Paulus.